

Nota Sobre a faixa do amadurecimento

Elsa Oliveira Dias

IBPW/IWA

Minha faixa do amadurecimento foi concebida e realizada originalmente em 2003, como recurso didático visual para tornar mais clara a ideia do processo de amadurecimento e seu desdobramento em períodos e estágios, em especial em suas etapas iniciais. Mais precisamente, eu a concebi para usá-la em minha palestra “As psicoses esquizofrênicas em D. W. Winnicott”, no VIII Colóquio Winnicott de São Paulo, em junho de 2003, cujo tema geral era “Teoria e clínica das psicoses”. Na época, essa temática foi sugerida aos organizadores, em parte em virtude dos resultados da pesquisa que realizei para minha tese de doutorado, defendida em 1998 na PUC-SP, com o título “A teoria das psicoses de D. W. Winnicott”.

Uma ideia central da minha tese é que, estando a teoria winnicottiana dos distúrbios emocionais intimamente articulada com sua teoria do amadurecimento, não é possível explicitar a concepção de Winnicott sobre as psicoses sem referência aos estágios iniciais da vida em que esse tipo de distúrbio tem origem. Essa é a razão pela qual toda a primeira parte da tese foi dedicada à exposição da teoria winnicottiana do amadurecimento.

Ao buscar ler a literatura secundária existente até aquele momento sobre a obra de Winnicott, constatei que a própria ideia de amadurecimento, altamente complexa – e na medida em que difere tanto das ideias biológicas e psicológicas de crescimento ou de desenvolvimento, bem como das ontologias existencialistas –, não era compreendida em toda a sua extensão e alcance pelos psicanalistas em geral nem tampouco por grande parte dos estudiosos e comentadores de Winnicott. Para os psicanalistas tradicionais, habituados ao fator sexual regendo a evolução, era e continua sendo particularmente difícil aceitar a ideia de tendência inata à integração, que rege o amadurecimento pessoal e a conquista da identidade unitária. A teoria winnicottiana do amadurecimento constitui, obviamente, uma alternativa radicalmente nova à teoria Freud/Abraham do desenvolvimento sexual, às posições de Klein, à teoria do desenvolvimento cognitivo e moral de Piaget, ao apego e perda de Bowlby e ao círculo da vida de Erikson.

Tampouco era compreendida a concepção winnicottiana de que os distúrbios emocionais são apenas o reverso do processo maturacional, o qual, quando não há

favorecimento ambiental, fracassa em acontecer. Por decorrência, permanecia igualmente não compreendido o critério winnicottiano de classificação dos distúrbios emocionais, segundo o qual a natureza de cada um varia conforme o momento, na linha do amadurecimento, em que a dificuldade teve origem; isto significa que o diagnóstico winnicottiano é sempre maturacional, não sendo mais do que a explicitação do fracasso do indivíduo, devido a falha ambiental anterior ou atual, em realizar a tarefa maturacional de dado momento de seu amadurecimento.

Ciente da dificuldade de se compreender esses elementos muito novos do paradigma elaborado por Winnicott para o entendimento da natureza humana – e o quanto são simples e complexos, ao mesmo tempo, os detalhes relativos ao que se passa nos estágios iniciais, tanto na saúde como nas possíveis interrupções e distorções que podem ocorrer quando não há participação ativa do ambiente facilitador –, o objetivo principal da minha palestra, no Colóquio de 2003, era tornar claro (visualmente inclusive, pela exibição da faixa) que existe, para todo indivíduo, uma pré-história – um período primitivo, pré-verbal, pré-perceptivo e pré-representacional – que foi posta à luz por Winnicott e na qual vão sendo constituídos os fundamentos da saúde psíquica e da personalidade. Sem um ambiente facilitador que se adapte e dê apoio ativo aos processos maturacionais do bebê nesse início da vida, em que o bebê é altamente dependente dos cuidados ambientais, o risco é de psicose, ou seja, de distúrbios que apontam para falhas na estrutura da personalidade.

Um segundo objetivo era mostrar – e a faixa foi de imensa ajuda nisso – que o esboço gráfico da teoria winnicottiana do amadurecimento, que é uma teoria da saúde, é o mesmo que permite mostrar os pontos de origem dos distúrbios emocionais. Com isso, foi possível deixar clara a coesão e a unidade internas do pensamento de Winnicott.

Em terceiro lugar, eu visava explicitar os períodos e seus respectivos estágios, tal como se sucedem à medida que as tarefas de cada etapa são realizadas com sucesso: contato e comunicação, primeiras experiências integrativas, início do alojamento no corpo, capacidade para a identificação, início das relações com o ambiente, as raízes da agressividade etc.

Foi, portanto, para facilitar a compreensão do público, que decidi, praticamente às vésperas da palestra, criar esse diagrama – uma espécie de linha do tempo – que ora reapresento, de modo a expor graficamente essas ideias muito novas e complexas. Como assinalei, meu propósito mais imediato era visualizar os estágios iniciais de dependência absoluta e relativa para localizar os pontos de origem das psicoses. Não houve tempo hábil de tornar mais explícito o absoluto início – a emergência do ser a partir do não ser, a vida intrauterina e o nascimento, dos quais só fiz uma pequena indicação – e não vi necessidade de estender a faixa para a adultez, a velhice e a morte do indivíduo, pois eu visava, apenas, apontar os estágios que proveem os

fundamentos da personalidade. Mas a adolescência foi incluída, pois, em muitos casos, representa uma nova chance de o indivíduo engatar no amadurecimento que foi interrompido.

A ordenação no tempo e a organização dos estágios do amadurecimento – visto que, apesar de o processo não ser linear, algumas tarefas só podem ser alvo de conquista após a realização de outras que são sua pré-condição de possibilidade – foram dois dos principais frutos do meu trabalho de pesquisa. Na época, não se achava essa ordenação na literatura secundária, e nem mesmo em Winnicott, a não ser de maneira esparsa, de modo que este passou a constituir um dos meus principais objetivos na tese. Atualmente, essa ordenação vem sendo utilizada, para minha alegria, no ensino e na pesquisa, quase como se estivesse facilmente disponível no próprio Winnicott.

A versão inicial da faixa foi posteriormente modificada, inclusive nas cores para permitir melhor visibilidade, e veio a existir tanto online como fisicamente, pois também foi estampada em tecido, possibilitando que fosse apresentada em vários eventos em diferentes lugares do país. Até hoje, a faixa é amplamente divulgada na internet e serviu durante anos de material de ensino no curso de formação do Instituto Winnicott. A convite do *Boletim Winnicott no Brasil*, estou publicando aqui a última versão eletrônica.

Nessa versão, a faixa está dividida em quatro partes, dispostas, por razões práticas, em quatro arquivos, pois, para ser projetada numa tela, é preciso conciliar o tamanho e a quantidade do conteúdo à visibilidade. A única modificação foi a numeração das partes.

As duas primeiras partes expõem os estágios iniciais, posteriores ao nascimento, que são os da dependência absoluta e da dependência relativa, terminando no estágio do EU SOU (a constituição da identidade unitária). (Hoje, eu prolongaria a etapa de dependência relativa para incluir o estágio do concernimento.) As duas partes seguintes representam os estágios de rumo à independência (hoje, este estágio começaria com as relações triangulares) e o da independência relativa – ou interdependência – que, na faixa, terminam na adolescência.

Todas as partes têm a mesma estrutura. No topo de cada uma, está nomeado o estágio (ou estágios) a que essa parte se refere. Nas tarjas roxas logo abaixo, são referidos os tipos de dependência de cada estágio. A ideia guia é representar o amadurecimento humano, seguindo as ideias de Winnicott desenvolvidas sobretudo a partir de 1960, como o caminho da dependência para uma independência e autonomia crescentes. Como o amadurecimento depende da provisão ambiental, assinalo, nas mesmas tarjas, os tipos de adaptação ou facilitação ambiental que correspondem às necessidades do estágio. Dou-me conta que na parte IV falta esse apontamento; fosse eu refazê-la agora, anotaria que aí devem existir relacionamentos familiares e sociais em termos de identificação cruzada.

Abaixo da tarja roxa, bem no meio de cada uma das partes, especifico a tarefa principal do estágio em pauta, os elementos da natureza humana em jogo, os diferentes aspectos desse momento do processo e a atuação do ambiente. A tentativa de representar, com um traço ondulante, a alternância entre estados tranquilos e excitados – que deve estar presente em todos os estágios – não foi muito bem-sucedida, mas aí está para quem quiser pesquisar.

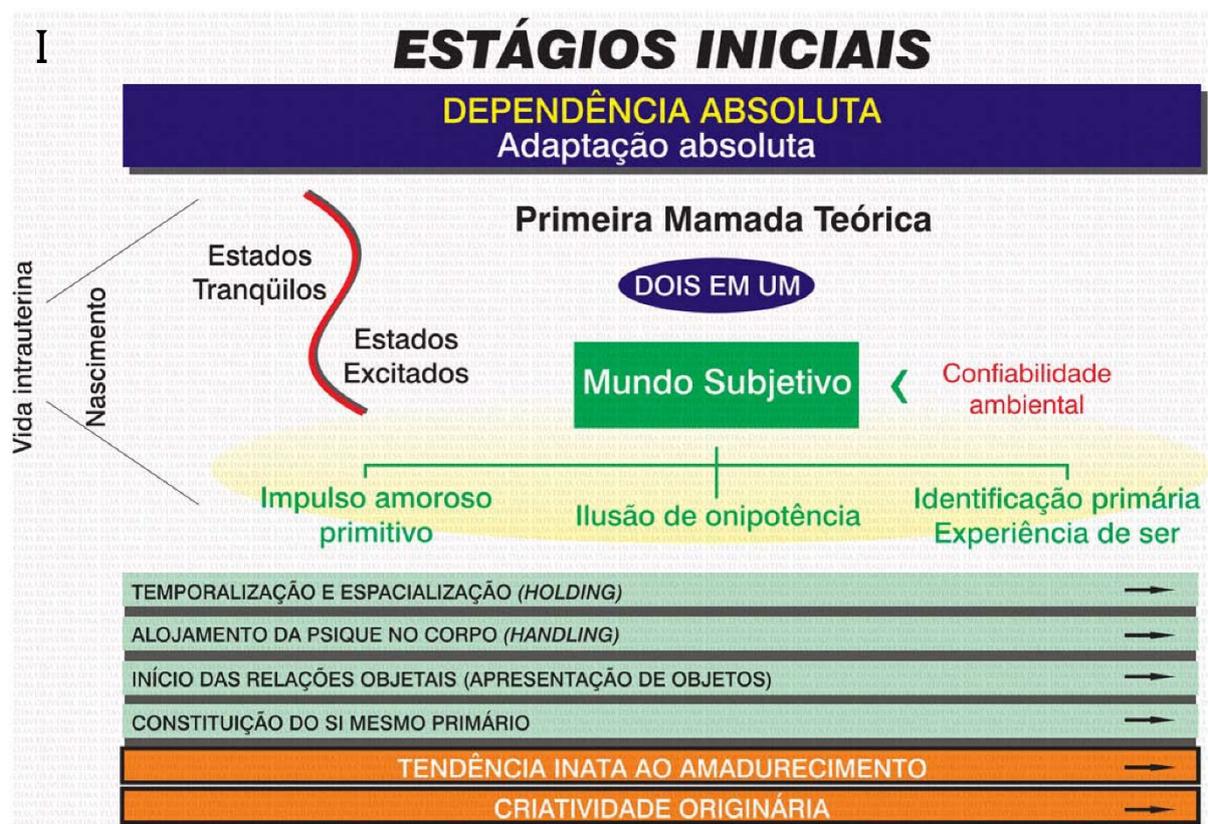
Logo abaixo da tarja do meio, há quatro outras mais estreitas, em verde, destacando as tarefas a serem realizadas e que são as mesmas nas quatro partes, sugerindo a continuidade do processo. As tarefas fundamentais jamais se completam e, por isso, percorrem a faixa até o fim; ao menos isso deveria estar suposto na saúde. Há mais um motivo para que essas tarjas se estendam da primeira à quarta parte: a partir da segunda, elas representam as conquistas que vão se sucedendo e que, uma vez realizadas e integradas no si-mesmo, constituem condições necessárias para o bebê ou criança prosseguir em seu amadurecimento, contando com cada vez mais recursos em seu armazém de experiências. Se uma interrupção ou um bloqueio ocorre, num dado ponto da linha do amadurecimento, o que foi conquistado antes pertencerá ao indivíduo, ao menos em princípio, e é por isso que se pode proceder a diagnósticos maturacionais e ao respectivo tratamento.

No pé de cada uma das quatro partes, especifico em duas tarjas laranja os dois universais da natureza humana, aquilo com que todo bebê nasce e traz de propriamente seu, não importa qual seja a família ou o povo ao qual pertença (não se trata de estrutura ontológica, mas do resultado da evolução da espécie humana): a tendência inata para o amadurecimento – isto é, para a integração dos resultados dos desenvolvimentos em uma personalidade unitária – e a criatividade primária, que deverá ser mantida viva ao longo de todo o processo até a morte do indivíduo. (Essa especificação está subentendida na parte II como continuidade da primeira, quando as quatro partes da faixa são apresentadas juntas, ou duas a duas.)

Vinte anos passados, não me é difícil constatar que a faixa, tal como publicada aqui, tem omissões e poderia ter sido mais bem articulada. Naturalmente, o fato de ela ser unidimensional força soluções que nem sempre são as mais convenientes. Mesmo assim, continuo a achar que a ideia de representar graficamente o processo de amadurecimento humano foi frutífera para o ensino e a pesquisa, tanto dentro como fora do Instituto. Ela inspirou vários desenvolvimentos, que, diga-se de passagem, nem sempre citam a autoria da ideia original e da execução dessa maneira de apresentar as ideias centrais de Winnicott.

Gostaria de assinalar, por fim, que a faixa foi utilizada explicitamente como o ponto de partida de Zeljko Loparic na elaboração do infográfico Roda da Vida, a ser publicado em breve pela DWWeditorial. Na apresentação desse site, Loparic estende a visualização da vida

humana, na perspectiva winnicottiana, a tudo o que acontece desde a concepção até a morte, reorganiza os períodos e os estágios e, entre outras modificações, substitui a forma linear da faixa pela figura da roda, do círculo – ideia que, como bem me lembro, já tinha sido pensada entre nós, por ocasião da feitura da faixa do amadurecimento em 2003, mas que, contudo, na época, revelou-se muito difícil de realizar. De qualquer modo, a ideia de que o amadurecimento humano segue um movimento circular, e de que o final da vida é um retorno ao mais primitivo, foi estampada na figura circular de origem oriental que sugeri para a capa da revista *Natureza Humana*, lançada pelo nosso grupo em 1999.



II ESTÁGIOS INICIAIS

DEPENDÊNCIA RELATIVA

Adaptação relativa

Desilusão

Início das Funções Intelectuais
(Incompadecido)

Transicionalidade
(a partir dos 4 meses)

Início da separação

Começo da atividade simbólica

1º Posse

Uso do objeto
(a partir dos 11 ou 12 meses)

Expulsão (destruição) do objeto subjetivo

Sobrevivência do objeto (subjetivo)

Criação do sentido de realidade externa
(Amor e fantasia)

III ESTÁGIOS PÓS-EU SOU

RUMO À INDEPENDÊNCIA

Adaptação relativa

Concernimento

(auge aos 2º anos)

DOIS

Mãe-ambiente
Mãe-objeto

Eu-tranquilo
Eu-excitado

Integração da impulsividade instintual

Sobrevivência da mãe

Círculo benigno: capacidade para remendar

Culpa e responsabilidade

Ambivalência (de base digestiva)

TRÊS

Pai como 3º

Cena Primária
criança como 3º

IV ESTÁGIOS PÓS-EU SOU

INDEPENDÊNCIA RELATIVA

Relações triangulares

Administração da instintualidade (base genital) nas relações interpessoais

Lealdade / Deslealdade

Complexo edípico

Ambivalência (base genital)

Adolescência

Isolamento

Imaturidade relativa

Potência efetiva (assustadora)

Busca do sentido de real e de sentir-se real

Não aceitação de falsas soluções (moralidade ferrenha)

Uso do PAI INTERVENTOR (alívio para angústia de impotência)

Ansiedade de castração

EU SOU

USO DO OBJETO

TRANSICIONALIDADE

DESILUSÃO

TENDÊNCIA INATA AO AMADURECIMENTO

CRIATIVIDADE ORIGINÁRIA